

Porque publicar na *Acta Limnologica Brasiliensia*? Uma visão otimista

Sidinei Magela Thomaz¹ e Antonio Fernando Monteiro Camargo²

1) Universidade Estadual de Maringá, DBI/PEA/Nupélia

2) UNESP (Rio Claro), Departamento de Ecologia

A divulgação do novo Qualis da Área de Biodiversidade causou um grande alvoroço na comunidade científica de ecólogos, biólogos, botânicos e zoólogos brasileiros, e não foi diferente para nós limnólogos. De acordo com o novo Qualis da Área de Biodiversidade, a *Acta Limnologica Brasiliensia*, revista mais tradicional da comunidade limnológica brasileira, e porque não dizer latino-americana, passou de B3 no Qualis de 2013 para B5 no novo Qualis, que será utilizado na avaliação dos programas de pós-graduação (PPGs) em 2017. No entanto, passado o susto inicial e empregando um olhar mais atento e abrangente na situação que se coloca, parece que a classificação da *Acta* no novo Qualis não foi tão negativa assim. Para compreendermos este novo Qualis e encará-lo de forma mais otimista, precisamos entender dois pontos fundamentais: (i) o que causou essa mudança radical no enquadramento das revistas e, principalmente, (ii) o que ela representa diante dos novos critérios adotados na avaliação dos PPGs da Área de Biodiversidade.

Começamos essa explanação pelo ponto (i) e recordando que os dados da maioria dos fenômenos naturais distribui-se de acordo com uma curva normal. Ou seja, algumas características são raras (para o lado esquerdo ou direito) e a maioria encontra-se

aproximadamente no meio das curvas de frequência.

Observe que nós não consideramos os termos “ruim” ou “excelente” para os extremos. Pois bem, nada mais natural que em uma avaliação comparativa, como é a que compara PPGs brasileiros, essa regra simples deva ser seguida. Dito isso, a CAPES, de forma pertinente, ranqueou as revistas de acordo com uma curva normal, seguindo um gradiente de “influência” das revistas, medida pelo fator de impacto, índice-H e aderência à área de biodiversidade. Esse critério originou o Qualis, com revistas A1 e A2 no extremo das revistas mais influentes, as revistas B4 e B5 no outro extremo e a maioria das revistas no meio do gradiente (B1-B3). Como determinação do Comitê Técnico Científico da CAPES, as revistas da categoria A devem compor no máximo 25% do total de revistas utilizadas por uma determinada área do conhecimento, repartidas entre as categorias A1 e A2. As revistas B1, devem representar 25% do total, enquanto as revistas B2-B5 compõem os restantes 50% das revistas. A categorização do Qualis de cada área surge da forma simples e natural: com base em todos os artigos científicos produzidos por cada área no quadriênio (no nosso caso, a Área de Biodiversidade). Assim, quem determina as categorias do Qualis somos nós, cientistas que publicamos.

Em consonância com as demais áreas das Ciências Biológicas, a partir desse quadriênio as revistas não indexadas nas bases *Web of Science*, *Scopus* e *Scielo*, foram classificadas como C e, assim, deixaram de fazer parte das avaliações. É importante ressaltar que embora essas revistas compusessem 25% do total de revistas utilizadas pelos pesquisadores da Área de Biodiversidade no último triênio (cerca de 800 revistas entre 2500 utilizadas pela Área), as mesmas receberam somente 6% dos artigos da Área, sendo que várias dessas revistas publicaram somente um ou dois artigos. Como resultado da desclassificação dessas revistas, houve um reescalonamento das demais categorias (lembre-se que as categorias do Qualis são distribuídas em porcentagens, seguindo-se uma curva normal). Assim, para manter as porcentagens por estrato no Qualis, houve um decréscimo, em números absolutos, das revistas de cada extrato. Pelo fato de a *Acta* estar classificada somente no *Scielo* e *Scopus*, ela foi reclassificada como B5.

Diante desse quadro, cabe a pergunta: vale a pena submeter artigos para a *Acta*? Ao nosso ver, sim, e esperamos convencê-los o porque da nossa resposta afirmativa. Para compreender essa visão otimista, devemos entender os novos critérios para avaliação dos cursos de PPG na Área de Biodiversidade, além de considerar outros aspectos, o que nos remete ao ponto (ii). Um item muito importante na avaliação da Área de Biodiversidade leva em consideração a produção discente. De acordo com os critérios adotados na última avaliação de 2013 (item 3.3a), esse item considerava o “número de Qualis B2 ou superior com participação de discentes e/ou egressos por titulado mestre-equivalente”. Assim, de

acordo com esse item, a *Acta* sequer era considerada no triênio anterior na classificação dos PPGs. Porém, a partir desse quadriênio, a produção discente computa todos os artigos B5 ou superior. Ou seja, a *Acta* foi incluída nesse importante item da avaliação. Além desse item, a produção em qualquer categoria do Qualis continua contando para a pontuação da produção docente e, assim, embora com um peso reduzido, a *Acta* também torna-se importante no quesito que avalia a produção do corpo de docentes permanentes.

Independentemente da utilização da nossa produção científica para a avaliação dos cursos de pós-graduação, devemos sempre direcionar nossas publicações para as revistas nas quais elas melhor se encaixam e alcançam a melhor visibilidade. A *Acta* preenche uma lacuna importante nesse sentido, divulgando pesquisas regionais e de cunho mais descritivo que revistas de escopo internacional não preenchem. Destacamos também que a *Acta* foi indexada na base *SciELO* em 2010 e *Scopus* em 2011 e apenas após estas indexações é que as citações dos artigos passaram a ser contabilizadas, fazendo com que indicadores como fator de impacto e índice-H pudessem ser calculados. No entanto, por estar indexada na *SciELO* que é de livre acesso, a *Acta* apresenta uma tendência de crescente visibilidade e pode crescer ainda mais se os limnólogos brasileiros também submeterem artigos de interesse mais geral. Alguns artigos publicados na *Acta* a partir de 2010 de interesse mais geral vêm sendo citados regularmente por pesquisadores de outros países em revistas mais influentes, como por exemplo, *PLOS ONE*, *Wetlands*, *European Journal of Remote Sensing*, *River Research and Applications* etc. Essas citações atestam

que a visibilidade da *Acta* é bem maior do que os limnólogos brasileiros imaginam.

Por fim, cabe ressaltar que a avaliação é um processo dinâmico e as revistas mudam de categoria. Assim, caso a *Acta* venha a ser indexada na *WoS*, ou se seu fator H (medido

pelo *Scimago*) aumentar, ela também será melhor ranqueada no Qualis da Área de Biodiversidade. Por essas razões, continuamos otimistas com o futuro de nossa revista e sugerimos fortemente que a comunidade limnológica brasileira continue prestigiando a *Acta Limnologica Brasiliensia*.